Entre o testemunho e a transmissão: o lugar do passador

Beatriz Oliveira

Na conclusão do Congresso da EFP sobre A Transmissão em 1979, Lacan dirá:

"por isso que fiz minha proposição: esta que instaura o que chamamos passe, no qual confiei em qualquer coisa que se chamasse transmissão se houvesse uma transmissão da psicanálise.// Agora chego a pensar, a psicanálise é intransmissível. É embaraçoso. É embaraçoso que cada psicanalista seja forçado – pois é preciso que seja forçado- a reiventar a psicanálise".[1]

Ao afirmar que a psicanálise é intransmissível e que cada analista deve reinventar a psicanálise, Lacan estaria na contramão de seu esforço de transmissão da psicanálise?

Com Freud podemos afirmar que o inconsciente é transmissível por suas formações. Sonhos, sintomas, chistes e atos que, por serem falhos, revelam que o inconsciente é estruturado como linguagem. Sustentada pela transferência, a associação livre permite ao analista acompanhar a produção de um saber que vai se decantando no divã. Como afirma Ivan Corrêa, ao descobrir invariantes como condensação e deslocamento no funcionamento do inconsciente e demonstrar sua submissão às leis da linguagem, Freud encontra o valor universal de sua descoberta, o que lhe permitiu transmitir sua obra.[2]

Deste paradoxo entre aquilo que se transmite pela própria cadeia significante e a afirmação de Lacan de que a psicanálise é intransmissível é que surgiu a questão a respeito de qual o lugar e função do passador no dispositivo do passe tal como Lacan propôs. O que me levou a desdobrar a questão: o que se transmite em psicanálise? E ainda: de que transmissão se trata?

É interessante observar que no comentário citado acima, feito em 1979, Lacan faz referência à *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista de Escola*, texto em que apresenta sua proposta de formação dos analistas articulando-a ao próprio funcionamento de uma sociedade psicanalítica. Assim, ele esta-

[1] Conclusão do 9º. Congresso da EFP sobre a Transmissão, in *Lettres de L'EFP, nº 25, p.219.*

[2] Correa,I. *Passe e Função* in Fonseca,L.P. (org.) O Passe: reflexões. Centro de Estudos Freudianos do Recife. Aedo Editorações, Recife, 2002.

belece: "Que a Escola pode garantir a relação do analista com a formação que ela dispensa".[3] Essa relação vai ficando evidente ao longo desse texto, na medida em que Lacan associa o princípio e o fim de uma psicanálise - psicanálise em intensão, ou seja, a didática - com a psicanálise em extensão – função da Escola "como presentificadora da psicanálise no mundo".[4] Em sua primeira versão da Proposição[5], Lacan articula que a extensão é a base que motiva a Escola e que sua raiz deve ser encontrada na própria experiência psicanalítica tomada como intensão, onde seus desvios podem ser detectados. Por isso ele vai trabalhar a transferência como pivô ao redor do qual se situam essas articulações.

Nesse texto, Lacan demonstra a necessidade de "renovação da experiência da psicanálise" visto a situação da formação dispensada e sua prática tal como se efetuava na IPA – onde o final do tratamento estava associado à identificação ao analista -, com a qual rompeu em 1953.[6] Na Proposição, Lacan escreve que o analista não se autoriza senão de si mesmo, esse é o princípio, mas isso não o torna independente de sua formação. Assim, sua Escola, ao propor uma formação, embora não autorize a partir desta um analista, se propõe a verificar como se dá a passagem de analisante a analista: "Essa sombra espessa que encobre a junção de que me ocupo aqui, aquela em que o psicanalisante passa a psicanalista, é ela que nossa Escola pode empenhar-se em dissipar".[7] Assim, Lacan situa o passe como um dispositivo que pudesse acolher essa questão, bem como denomina de passadores aqueles que estarão nesse lugar de testemunha daquele que "transpõe esse passe".

Nesse sentido, podemos entender o lugar do passador no dispositivo e na Escola como sendo aquele em torno do qual se dá essa passagem da intensão para a extensão, na medida em que testemunha o relato de um passante a respeito de sua própria análise e depois o comunica ao Cartel do Passe. Fica ainda a questão: o que um passador transmite?

uma experiência como passadora

Para avançar nesta discussão, apresentarei em seguida elementos que foram recolhidos da minha experiência como passadora, bem como de relatos de outros autores.

[3] Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. P.249

[4] Ob.cit. p.251.

[5] Lacan, J. Outro Escritos. Ob.Cit. Anexos.

[6] Para acompanhar essa questão, ler o texto "Situação da Psicanálise e formação do psicanalista em 1956". In Lacan, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

[7] Ob.cit. p.258

Após a decisão de aceitar a designação de meu nome, não sem surpresa, foram realizadas algumas entrevistas com o passante. Inicialmente havia uma preocupação em não perder nada, como se fosse possível gravar cada palavra escutada, cada detalhe apresentado. Ao fim do primeiro encontro já me dava conta de que essa ilusão do sentido era um equívoco e que, necessariamente, a perda era intrínseca ao testemunho. O recurso da escrita foi fundamental, para que depois fosse possível retomar o que havia sido escutado. Após as entrevistas com o passante, seria necessário um tempo até que esse testemunho pudesse ser transmitido ao Cartel do passe.

O que fazer com aquela escrita que já era outra coisa, não se tratava de uma transcrição das entrevistas, mas sim um recorte que implicava em perdas? O que teria sido selecionado? Da mesma maneira, como reduzir aquela escrita para que o cartel do passe pudesse acompanhar o que foi testemunhado? Há uma única palavra que descreve esse tempo entre o testemunho e a transmissão: solidão. Era necessário esperar o encontro com o Cartel para falar, de forma inédita, pela primeira vez, daquilo que teria sido testemunhado. Houve um momento de angústia decisivo. Colocava-me a questão a respeito do não saber. A dificuldade em preparar o relato ao cartel parecia estar situada no ponto de encontro com o não saber sobre o que estaria sendo transmitido. A aposta de que algo além do relato poderia ser transmitido me permitiu encontrar uma saída para o texto que foi apresentado.

Ao fim do encontro com o cartel do passe, a experiência foi de esvaziamento, de encontro com a falta de consistência que pudesse dar outro sentido para esta experiência que não aquele mesmo que pôs em funcionamento o dispositivo do passe. Teria sido essa a função possível do passador: fazer funcionar, como todos ali envolvidos, um dispositivo que, do início ao fim, enodou a todos nessa tentativa de transmitir a psicanálise?

Michel Bousseyroux faz uma distinção que me parece importante entre testemunho e transmissão:

"O passador tem que assumir distintas funções, de testemunho e transmissão, que não devem confundir-se, mas que devem ser articuladas em função de sua relação com o Real. Testemunha-se de uma verdade como causa. Transmite-se um fragmento de saber. (...) O passador não é um mensageiro da palavra

do passante. Ele transmite um fragmento de saber e, precisamente, um fragmento de saber sobre o que impulsiona o analista a ser um desejo."[8]

Se, por um lado, a transmissão é de um fragmento de saber, por outro, seu suporte é o de uma posição que não suture a verdade testemunhada no relato do passante.

Sobre a função do passador, Nepomiachi concluirá:

"Existe uma tensão entre o que é evocado pelo significante e o que não é, uma distância irredutível entre os acontecimentos subjetivos e sua formalização. Como evocar então o que sendo estrutura não é significante? É precisamente o que constitui que o procedimento não seja um meio no qual se comunica uma informação, senão a transmissão de uma experiência que exige ser identificada em seu valor de verdade, sendo assim um obstáculo a toda ilusão de exatidão ou precisão por parte do passador".[9]

Nesse sentido, Pascale Leray retomou uma questão que me pareceu importante em relação ao Passe: "Na invenção de Lacan deste dispositivo, a dimensão do não-todo é central. Não toda presença do passante encontra o Cartel."[10] Ele continua lembrando que essa dimensão está presente no próprio fato de existirem dois passadores e no encontro de cada passador com o cartel na medida em que cada um faz seu relato, destacando do que foi escutado aquilo que se supõe essencial. Ou seja, o que se perde e o que fica desse testemunho? Como eu havia constatado antes, a perda seria intrínseca ao testemunho, não seria possível passar do testemunho do passante ao Cartel sem perdas.

De acordo com Emilia Malkorra:

"O único modo em que o passador possa não ser um elemento contaminante, é precisamente não sendo. Quer dizer, que ponha em jogo sua destituição subjetiva a serviço da transmissão. Enquanto exerça dita função possa ser capaz ... de não interferir com seu imaginário, com seu fantasma. Espera-se que possa oferecer um lugar vazio, onde possa alojar o testemunho do passante e transmiti-lo. Essa é a aposta."[11]

Por sua vez, Rithée Cevasco dirá: " Estranho ofício o do passador, deve pôr muito de seu: nem simples ouvido, nem simples mensageiro. Muitas vezes é presa de um turbilhão, uma angústia (não a suscitada pelo CHE VUOI) mas a correlativa a essa temporalidade do já/ ainda não, angústia da suspensão no

[8] Encontro em Toulouse sobre o Passe, 2006.

[9] Nepomiachi,R. *La función del pasador: narrar una short story* in La Práctica del Pase. Buenos Aires, EOLIA-PAIDÓS, 1996, p.55

[10] Encontro em Toulouse sobre o Passe, 2006

[11] Wunch 4, maio de 2006

intervalo".[12]

Estamos acompanhando que o significante é necessário, mas não suficiente para dar conta do que se transmite. O turbilhão do qual fala Cevasco me faz pensar nesse ponto de angústia e solidão atravessados durante a experiência no lugar de passador. Estamos diante do "Real em jogo na formação do psicanalista"?[13] O passador empresta seu ouvido, sua voz, seu corpo nessa passagem, nessa experiência de destituição subjetiva. O que resta disso?

Trata-se de uma experiência absolutamente solitária que se sustenta por uma posição, barrada, destituída do suposto saber. Sem identificação, causada por sua própria verdade: a que suporta o não saber.

o que transmite o passador?

Do testemunho à transmissão, o que fica com o Cartel do passe? Qual o estatuto disso que atravessa aquilo que o passador transmite? Trata-se de uma posição?

Ao propor o passe, Lacan é claro quanto à necessidade de testemunhar a passagem do psicanalisante a psicanalista. Não só isso. Indica que esse testemunho será função de um psicanalisante que esteja ainda ligado ao desenlace de sua experiência pessoal. Ele dirá: "minha proposta será que seja diante de alguém que ainda esteja no momento original que se comprove que adveio, realmente, o desejo do psicanalista".[14]

A respeito do desejo do psicanalista, Lacan dirá que é a enunciação de uma equação que objetiva formular com a passagem de psicanalisante a psicanalista. . Desta equação, a enunciação ocupará o lugar do x.[15] Ao falar em equação, Lacan refere-se ao conceito de função para Frege, na matemática. Com Ivan Corrêa podemos acompanhar a articulação que Lacan faz entre o conceito de função e o desejo do analista:

"A função é a estrutura fixa, a parte que não varia, mas com um lugar vazio destinado ao argumento. O argumento é o valor que se atribui à variável e não faz parte da função. Daí resulta que esta terá valores diferentes de acordo com o nome próprio que se dá ao argumento. (...) O lugar vazio onde o x do argumento completa a função permite falar de função desejo do analista, pois não se trata de nenhum objeto de desejo, mas um lugar vazio à espera

[12] Idem

[13] Lacan, J . Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Ob.cit. p.249

[14] Lacan, J. Primeira versão da "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola". Ob.Cit. p.581

[15] Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Ob.Cit.

de um argumento que complete a função".[16]

Acompanhando o que Ivan Corrêa apresenta a respeito do lugar vazio na função à espera de um argumento que o complete, proponho que poderíamos situar aí a enunciação à qual Lacan corresponde o desejo do psicanalista, a qual opera ocupando o lugar do x na equação que busca formalizar com o procedimento do passe. Ou seja, aquilo que se espera que um passador testemunhe seria justamente o x que faz do término de uma análise algo extremamente singular.

De acordo com Lacan, a destituição subjetiva ao término da psicanálise implica a separação, a perda do ágalma[17] que sustentava a transferência em uma psicanálise. Assim, o momento do passe "trata-se do exato momento de saber se, na destituição do sujeito, advém o desejo que permite ocupar o lugar do desser, justamente por querer operar de novo o que o ágalma implica de separação (com a ambigüidade do *se parere* que nela incluímos, para que ela assuma aqui sua ênfase)."[18]

Nesse sentido me parece que Lacan supõe as condições de possibilidade desse testemunho quando aposta que o passador seja um analisante "em quem está presente nesse momento o desser ..."[19], posição que lhe permite assumir essa função sem entrar aí com seu fantasma e seu imaginário, como disse Malkorra.[20] Posição esta necessária, mas não garantia de que algo dessa passagem se transmita.

Assim, me parece que a função do passador revela-se ao transmitir o x que permitiu ao passante encontrar seu modo próprio de reinventar e fazer a psicanálise durar. Nesse sentido, acompanho alguns autores que tiveram a experiência de passadores quando se referem ao fato de que há algo que escapa ao significante nessa passagem, ou seja, trata-se justamente daquilo que escapa à constante da equação e permite sua saída, uma enunciação singular, esse x da questão que permite a passagem de um analisante a analista. Não poderíamos situar, a partir dessa enunciação singular, aquilo a que Lacan se refere como o intransmissível da psicanálise, que cada analista deva reinventar?

Ainda em 1967, Lacan afirma que "essa experiência do passe não pode ser evitada e que seus resultados devem ser comunicados primeiro à Escola, para as críticas, e colocados ao alcance das sociedades..."[21]. Nesse sentido, entendo que os pontos de

[16] Corrêa,I. *Passe e Função* in O Passe: reflexões , p.141.

[17] *Ágalma* é um termo que Lacan retira do texto O Banquete de Platão e articula-o ao que sustenta a transferência em uma psicanálise. Nesse sentido ele dirá que o analisante é o ágalma do processo analítico. (Lacan, J.). Primeira versão da "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola". Ob.Cit. p.579)

[18] Ibidem, p.581.

[19] Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Ob.Cit. p.260

[20] Wunsch 4, maio de 2006

[21] Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Ob.Cit.p.261

junção aos quais Lacan se refere no seu texto sobre a Proposição encontram-se aqui colocados: o início e o fim de uma psicanálise, bem como a intensão e a extensão da psicanálise. Penso que os dispositivos de formação do analista propostos por Lacan em sua Escola - Cartel e Passe - sejam uma aposta na possibilidade de transmissão da psicanálise. No início de 2006, escrevi no Boletim do Fórum São Paulo que a própria estrutura desses dispositivos abriga e faz trabalhar isso que causa um a um em sua reinvenção da psicanálise, uma reinvenção que possa fazer laço. Na aposta de que o Passe permita essa passagem do singular ao universal é onde situo o laço que faz Escola.

referências bibliográficas

CORREA,I. Passe e Função in Fonseca,L.P. (org.) *O Passe: reflexões*. Centro de Estudos Freudianos do Recife. Recife: Aedo Editorações, 2002.

LACAN,J. (1956) Situação da Psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

LACAN,J. (1967) Primeira versão da Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In:*Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN,J. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro:Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN,J. (1970) Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN,J. (1974) Conclusão do 9º. Congresso da EFP sobre a Transmissão. In: *Lettres de L'EFP, nº25*.

NEPOMIACHI,R. La función del pasador: narrar una short story. In: *La Práctica del Pase*. Buenos Aires, EOLIA-PAIDÓS, 1996.

WUNSCH Nueva serie, Número 4.Boletin internacional de La Escuela de Psicoanálisis de los Foros del Campo Lacaniano. Mayo 2006. Numero especial SOBRE EL PASE.

Colloque de L'EPCL a Toulouse. Trois ans D'Experience de La Passe dans L'EPCL. 2006

resumo

Este texto procura refletir a respeito do lugar do passador no dispositivo do passe, criado por Lacan em 1967. A partir de alguns relatos sobre essa experiência, buscou-se extrair elementos que permitissem avançar na discussão a respeito deste lugar entre o testemunho do relato do passante e de sua transmissão posterior ao Cartel do passe, reflexão esta que não está dissociada da questão a respeito do que se transmite em psicanálise. Nesse sentido, o texto apresenta uma articulação entre o lugar do passador, o transmissível da psicanálise e a função da Escola tal como proposta por Lacan em 1967.

palavras-chave

Passe, passador, transmissão, Escola

abstract

This is a reflection on the position of the *passeur* in the pass, as established by Lacan in 1967. Utilizing some reports on this experience, it seeks to extract elements that would advance discussion in respect to this position between the testimony of the passant and its later transmission to the Cartel of the pass, which is a reflection that is not dissociated from the question in respect to that transmitted in psychoanalysis. In this sense, the text presents an articulation between the place of the *passeur*, the transmissible of psychoanalysis and the function of the School, as proposed by Lacan in 1967.

key-words

Pass, passeur, transmission, School

recebido

20/02/2007

aprovado

19/04/2007